

Ano 19 • Número 47 • 27 de novembro de 2017

---

**Arrecadação de ICMS evolui no compasso da atividade**

---

**Resultado do PIB no 3º trimestre deve confirmar retomada da economia**

---

**Confiança é a maior desde março de 2011**

---

**Melhora lenta e gradual no mercado de trabalho**

---

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Arrecadação de ICMS evolui no compasso da atividade

A crise fiscal que assola o Rio Grande do Sul não é recente. O déficit orçamentário previsto para 2017 é de R\$ 3 bilhões, enquanto que o projetado para o ano que vem é de impressionantes R\$ 6,8 bilhões. Diante dessa deterioração, a arrecadação tem um papel ainda mais importante.

Utilizando dados de ICMS, divulgados pela Secretaria da Fazenda, podemos verificar como tem se comportado a principal fonte de receita do governo estadual.

Após um crescimento em 2016 por conta do aumento nas alíquotas, o ano de 2017 tem mostrado uma expansão gradual das receitas. No acumulado de janeiro a outubro, houve elevação real de 1,3% na arrecadação de ICMS, com destaque para o aumento de 5,9% nos Serviços (2,2 p.p. sobre a variação total).

A Indústria, por sua vez, apresentou contração de 1,7%, puxada, principalmente, pelos segmentos de Energia e Saneamento (-2,2 p.p.). Entretanto, considerando apenas a Transformação, observou-se um avanço de 0,7% nas receitas de ICMS. Os destaques foram os setores de Químicos e de Bebidas, com 0,8 p.p e 0,6 p.p. de influência, respectivamente. O destaque negativo ficou por conta dos Derivados de Petróleo e Biocombustíveis, com variação de -6,7% (-1,1 p.p. de impacto sobre a arrecadação total).

Constata-se, assim, que o comportamento da receita tem sido compatível com a lenta recuperação da economia gaúcha. Espera-se que em 2018 esse cenário

evolua mais rápido com a consolidação da retomada econômica. Essa melhora aliada a adesão ao Regime de Recuperação Fiscal pode representar um desafio para as finanças estaduais em 2018.

### Arrecadação de ICMS por segmento da Indústria (acum. jan-out - em R\$ milhões constantes)

| ICMS                                  | Em R\$ milhões |               | Var.         | Infl.       |
|---------------------------------------|----------------|---------------|--------------|-------------|
|                                       | 2016           | 2017          | Em %         | Em p.p.     |
| <b>Agropecuária</b>                   | <b>173</b>     | <b>152</b>    | <b>-12,4</b> | <b>-0,1</b> |
| <b>Indústria</b>                      | <b>15.508</b>  | <b>15.245</b> | <b>-1,7</b>  | <b>-1,0</b> |
| <i>Extrativa</i>                      | 60             | 62            | 1,7          | 0,0         |
| <i>Transformação</i>                  | 12.044         | 12.131        | 0,7          | 0,3         |
| Alimentos                             | 1.468          | 1.475         | 0,5          | 0,0         |
| Bebidas                               | 1.335          | 1.500         | 12,4         | 0,6         |
| Couro e calçados                      | 292            | 307           | 5,2          | 0,1         |
| Derivados de petróleo e biocomb.      | 4.375          | 4.080         | -6,7         | -1,1        |
| Químicos                              | 849            | 1.051         | 23,9         | 0,8         |
| Borracha e material plástico          | 487            | 522           | 7,2          | 0,1         |
| Metalurgia                            | 193            | 209           | 8,1          | 0,1         |
| Produtos de metal                     | 408            | 424           | 3,9          | 0,1         |
| Máquinas, aparelhos e materiais elét. | 267            | 234           | -12,2        | -0,1        |
| Máquinas e equipamentos               | 363            | 372           | 2,5          | 0,0         |
| Veículos automotores                  | 503            | 480           | -4,6         | -0,1        |
| Fabricação de móveis                  | 229            | 218           | -4,8         | 0,0         |
| Outros produtos industriais           | 1.277          | 1.259         | -1,4         | -0,1        |
| <i>Energia e saneamento</i>           | 3.390          | 3.043         | -10,3        | -1,3        |
| <i>Construção civil</i>               | 13             | 10            | -19,1        | 0,0         |
| <b>Serviços</b>                       | <b>9.463</b>   | <b>10.024</b> | <b>5,9</b>   | <b>2,2</b>  |
| <b>SUBTOTAL</b>                       | <b>25.143</b>  | <b>25.421</b> | <b>1,1</b>   | <b>1,1</b>  |
| Sem correspondência e sem CNAE        | 929            | 991           | 6,8          | 0,2         |
| <b>ARRECADAÇÃO DE ICMS</b>            | <b>26.072</b>  | <b>26.412</b> | <b>1,3</b>   | <b>1,3</b>  |

Fonte: SEFAZ-RS

## Resultado do PIB no 3º trimestre deve confirmar retomada da economia

Na quinta-feira dessa semana, o IBGE divulgará o resultado das Contas Nacionais do Brasil para o terceiro trimestre. Esse número é especialmente aguardado pois pode confirmar o processo de recuperação sem a influência de fatores não recorrentes. Lembrando que no primeiro trimestre a Agropecuária puxou o resultado e no segundo o Comércio foi influenciado pelo saque das contas inativas do FGTS.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) ajuda a avaliar a situação da atividade antes da saída do resultado oficial do PIB. O indicador fechou o terceiro trimestre com crescimento de 1,4% na série livre de efeitos sazonais. Esse foi o terceiro trimestre consecutivo de expansão nessa base de comparação.

Na comparação com o terceiro trimestre do ano anterior, o avanço da atividade foi de 0,6%. Esse foi o primeiro crescimento depois de quedas nos dois primeiros trimestres. Diante dessa melhora, o índice passou a somar alta de 0,43% no acumulado do ano.

Setorialmente, a Indústria geral apresentou expansão de 3,1% na comparação com o mesmo trimestre de 2017, conforme a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE. Esse resultado contou com a influência positiva da Transformação (3,1%) e da Extrativa (2,8%). Entre os

ramos da Transformação, destaca-se o incremento de 20,6% na Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias.

No mesmo sentido, o Comércio varejista apresentou evolução 4,3% em relação ao mesmo trimestre do ano passado. Esse foi o segundo trimestre seguido de crescimento depois de nove quedas consecutivas, algo raro no setor no Brasil. Os destaques positivos foram as vendas de Eletrodomésticos (+17,2%), Tecidos, vestuário e calçados (+12,0%); e, Móveis, (+9,2%).

Em contraste com os números mais positivos do Comércio, os Serviços continuaram a apresentar resultados ruins. A Pesquisa Mensal dos Serviços registrou queda de 3,0% no volume de vendas do setor em comparação com o terceiro trimestre de 2016.

Assim, a expectativa de mercado para o PIB no terceiro trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, contida no Relatório Focus do Banco Central, sinaliza para o crescimento de 1,1% do PIB. A composição setorial desse crescimento indica um aumento de 0,51% da Indústria, 0,55% nos Serviços e 7,9% na Agropecuária. Para o total do ano, o Relatório Focus indica uma expectativa de 0,73% de expansão para o PIB brasileiro. Já em 2018, o mercado espera um avanço de 2,58%.

## Confiança é a maior desde março de 2011

Em sua quinta alta seguida, o Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS) cresceu 1,9 ponto entre outubro e novembro, para 59,0 pontos, o maior valor desde março de 2011. O valor acima de 50 pontos revela confiança e a tendência crescente nos últimos meses mostra que o otimismo está cada vez mais disseminado entre os empresários gaúchos.

O ICEI/RS leva em conta as condições atuais e as expectativas tanto para a economia brasileira quanto para a própria empresa. Todos os indicadores, que variam de zero a 100 pontos, avançaram em relação a outubro e estão acima dos 50 pontos, que expressam no primeiro caso, condições melhores e no segundo, expectativas otimistas.

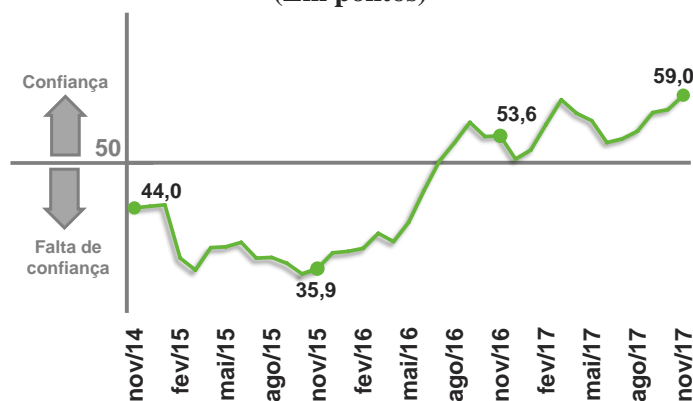
Na avaliação das condições atuais, o índice ficou em 55,0 pontos, ante 53,2 pontos em junho. É o maior valor desde outubro de 2010 (55,2 pontos). O subcomponente relativo às condições da economia brasileira passou de 53,0 para 53,8 pontos, enquanto o que diz respeito à empresa aumentou de 53,4 para 55,8 pontos. As condições da economia não eram tão favoráveis desde novembro de 2010 e as das empresas desde junho do mesmo ano.

As condições mais favoráveis têm se refletido em maior otimismo dos empresários com o futuro. O Índice de Expectativas para os próximos seis meses em novembro avançou 1,8 ponto na comparação com outubro, para 60,9 pontos. Houve alta de 1,5 ponto do

subcomponente de expectativas com a economia brasileira, que chegou a 55,9 pontos, e de 1,6 ponto do indicador de expectativas com as empresas, que alcançou 63,5 pontos.

A nova alta da confiança em novembro sinaliza que a gradual recuperação da atividade da indústria gaúcha segue em curso, sendo compatível também com alguma aceleração nos próximos meses. Além disso, refletiu a diminuição da incerteza política, passada a fase mais aguda da crise com a rejeição pela Câmara de deputados da segunda denúncia contra o presidente Michel Temer, revelando que os empresários gaúchos percebem a importância dos ajustes na economia e dos avanços reformistas para a consolidação do atual processo de recuperação.

### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

## Melhora lenta e gradual no mercado de trabalho

Os dados do CAGED referentes ao mês de outubro, divulgados recentemente pelo Ministério do Trabalho, registraram a criação de 76,6 mil postos formais de trabalho no Brasil, o sétimo mês consecutivo de saldo positivo e o mais expressivo de 2017.

Em oito dos dez meses observados no ano houve criação de novas vagas, o que fez o saldo líquido acumulado de janeiro a outubro ficar positivo em 302,2 mil postos. Apenas nos meses de janeiro (-32,0 mil) e abril (-57,9 mil) foram registrados cortes de postos.

Já no período que engloba os últimos 12 meses, ainda há perda de 294,3 mil empregos, principalmente pelo fato de abranger as perdas expressivas de novembro (-118,2 mil) e dezembro (-478,2 mil) do ano passado. Historicamente, o último mês do ano é negativo em função das dispensas de trabalhadores que foram contratados para atender à demanda sazonal das festas de final de ano.

Mesmo que negativo, a boa notícia do resultado anualizado está na sua evolução temporal. A cada nova divulgação, o saldo acumulado em 12 meses, que chegou a registrar perda de 1,8 milhão de empregos em março de 2016, fica menos negativo e deve alcançar o campo positivo ainda no primeiro semestre de 2018.

No Rio Grande do Sul, as estatísticas trouxeram um

sinal positivo após um longo período de baixas. Em outubro, foram geradas 8,1 mil vagas com carteira assinada, o primeiro saldo positivo em sete meses.

Em função de fatores sazonais, a economia gaúcha costuma aumentar as contratações no período de janeiro a abril e dispensar entre os meses de maio e julho. Esse movimento também ocorreu em 2017. No entanto, os dados históricos mostram que, após esse período de ajuste, os dois meses seguintes são de contratações, mas isso não ocorreu. Houve perda de vagas tanto em agosto (-1.247) quanto em setembro (-273) desse ano.

Mesmo com a frustração nos resultados de agosto e setembro, o saldo acumulado nos dez primeiros meses de 2017 foi de +7,5 mil vagas, consideravelmente superior se comparado ao mesmo período do ano passado, onde o corte chegava aos 26 mil postos. Já nos últimos 12 meses, a perda de vínculos ainda é expressiva (-20 mil), mas segue em desaceleração. Assim como no Brasil, o ano deve encerrar com saldo negativo na geração líquida de empregos no RS, resultado que será revertido ao longo do próximo ano.

Portanto, tanto o BR como RS seguem melhorando lentamente seus indicadores de emprego, mas ambos tem um longo caminho a percorrer até a reversão dos estragos que a crise causou.